



Bucher fez pesquisa de campo com populações marginalizadas do DF nos últimos 4 anos

Professor vê marginalização

Para R. Bucher, da UnB, Brasília pode desencadear neuroses pré-existentes

Dentro da programação dos 20 anos de Brasília, o professor Richard Bucher, doutor em psicologia e psiquiatria da UnB, falará no seminário "Brasília Anos 80", promovido por este jornal, UnB e GDF, sobre o tema "Marginalização Social e Dificuldades de Integração da Personalidade". Segundo o professor, nesse trabalho "pretendo analisar dois fenômenos e suas vinculações que ocorrem em qualquer centro urbano, mas que demonstram talvez algumas características peculiares no caso de Brasília". O trabalho é baseado em pesquisa de campo "realizadas nos últimos quatro anos" com populações marginalizadas que tratam do alcoolismo, toxicomania, delinquência juvenil e tentativas de suicídio.

Para o professor existem dois tipos de marginalização. , a externa - os marginalizados pela sociedade - e a interna - provocadas pela dificuldade de se integrarem na sociedade, não por razões sociais e sim por razões familiares. São os casos chamados de neuróticos. Nessas quatro populações (toxicomanos, alcoolatras, delinquentes juvenis e suicidas) pesquisadas, Richard percebeu "fortes razões sociais" para os fenômenos.

ALCOOLISMO

Na pesquisa sobre alcoolismo, Richard Bucher investigou 86 alcoolatras crônicos, hospitalizados em três clínicas psiquiátricas do Distrito Federal. Constatou que "um dos fatores mais nítidos que influi no consumo excessivo do álcool é a condição sócio - econômica baixa". A maioria dos entrevistados era procedente do Nordeste, com condições sócio - econômicas extremamente baixas e residentes, na sua maioria, em bairros periféricos das cidades - satélites. Porém, acredita o professor que a patogênese do alcoolismo não é meramente

social, "ela é devida a um conjunto de fatores no qual a evolução da personalidade, das suas estruturas profundas e dos seus tipos de funcionamento defensivo assumem um papel importante".

DELINQUÊNCIA JUVENIL

Quando a delinquência juvenil, "cuja frequência é bem conhecida", acha o professor que "ela é sem dúvida em grande parte decorrente das condições sócio - econômicas que determinam o contexto familiar e educacional do jovem. Contudo, sabemos que existe uma forma de delinquência juvenil que não é ligada a problemas sociais das famílias de origem, ao desemprego, ou à migração dos pais, à subnutrição ou ao abandono. Trata - se então de jovens oriundos de famílias da classe média ou alta que em oposição, ou revolta aberta contra seus pais, cometem infrações, em geral aumentando a gravidade".

De uma pesquisa realizada com 19 delinquentes juvenis internados numa instituição do Juizado de Menores do DF, comparada com entrevistas feitas em 34 menores abandonados, recolhidos numa instituição privada de assistência a menores, conclui Richard Bucher que "a delinquência juvenil não é um mero problema social, num meio urbano como Brasília, e sobretudo na sua classe média, mas um problema sócio - familiar. O fato em si de viver em família ou não, de maneira nenhuma decide sobre a "carreira" criminosa do jovem."

TOXICOMANIA

De acordo com o professor, o uso do tóxico aumenta assustadoramente, hoje em dia, e atinge faixas etárias cada vez mais precoces, em todas as camadas da sociedade, e Brasília, acompanha também essa tendência. Depois de investigar (pesquisar) adolescentes toxicô-

manos de 12 a 18 anos "podemos dizer que a toxicomania não se apresenta como um mero "comportamento desviado" - como se existisse um "comportamento certo". Esta conduta é, antes de tudo, o resultado de um desequilíbrio profundo da personalidade e de suas possibilidades de se relacionar com os outros".

Acredita o professor que "o uso de drogas nada mais é do que um sintoma entre outros, mas que vem agravar consideravelmente o quadro mórbido, a ponto de dominá-lo completamente e de fazer esquecer que ele mesmo, o sintoma, resultou de dificuldades anteriores.

Acha que a nível terapêutico é preciso enfatizar que "o toxicômano necessita de um ambiente de confiança, para poder tolerar as frustrações da desintoxicação. Neste sentido, as autoridades judiciais deveriam amparar melhor as instituições privadas de desintoxicação existentes, mesmo se elas se situem numa linha ideológica ou religiosa".

Quanto às medidas preventivas, a nível familiar e social, elas parecem bastante reduzidas, a não ser indiretamente, pelo combate ao tráfico de drogas e por amplas campanhas de informações sobre seus perigos e implicações".

Quanto ao suicídio, pesquisados 209 casos, sendo que só três fatais, 84,7 por cento dos casos eram de sexo feminino com idade média de 22 anos "o que significa que se trata de um grande número de adolescentes e jovens adultos". Segundo o professor, estes jovens quando exasperados por tais problemáticas (situação sócio-econômica, rigidez de certos padrões morais, falta de comunicação intra-familiar, entre outros) se deixam facilmente levar por um ato impulsivo, não tanto pela vontade consciente de se matar, mas como consequência de um baixo nível de con-

trole emocional ou de "tolerância à frustração".

BRASÍLIA

Não acredita o professor que "Brasília, fenômeno urbano "sui generis", possa produzir mais neuroses do que outras cidades; contudo, o que ocorre é que a transferência para a nova capital - diferente e algumas vezes constonadora - possa desencadear neuroses já preexistentes mas que foram até então, relativamente, compensadas por uma convivência familiar e social mais íntima".

Em suma, acha o professor Bucher que as causas da marginalidade decorrem da situação social do Brasil e que a construção de Brasília não resolveria esse problema. Para ele, faltou planejamento, apesar da boa vontade dos idealizadores da cidade. "Brasília foi construída em função do Plano Piloto e o resto é considerado depósito humano" e isso poderia ser evitado se houvesse planejamento". Atribui como causa dessa crescente marginalização a "falta de interesse do Governo pelas populações que vivem nas periferias". "Não se pensou numa integração. E a prioridade pertence a sociedade dominante (Plano Piloto) e do lucro. O valor subjetivo da pessoa humana não conta. Os moradores das cidades - satélites são considerados mão - de - obra e não pessoas humanas".

Para o professor Bucher, em termos gerais, para se melhorar essa situação "deveria se desenvolver mais ações comunitárias. Entrosar melhor as cidades-satélites com o Plano Piloto". Isso através de habitação, serviços sanitários, educação, assistência social e nutrição". Acha que deveriam ser bem mais aproveitados os recursos humanos disponíveis como também os recursos financeiros.